

EDUCAÇÃO AMBIENTAL E ESTADO DA ARTE DO CONSUMO: UMA PROPOSTA DE ABORDAGEM PARA AS AULAS DE GEOGRAFIA

LOECI MILECH SEUS¹; ANGÉLICA GARCIA GOTUZZO²; VALDIRENE DREHMER³; DRA. LIZ CRISTIANE DIAS⁴

¹*Universidade Federal de Pelotas 1 – loecimise@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas - gotuzzoangelica@gmail.com*

³*Universidade Federal de Pelotas – valdirenenedrehmer@hotmail.com*

⁴*Universidade Federal de Pelotas – lizcdias@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

Esse artigo é o resultado de uma atividade desenvolvida na disciplina de Metodologia e Prática de Ensino em Geografia V: Educação Ambiental, a qual visava desenvolver e utilizar metodologias que possibilitem a construção do conhecimento que contribua para o Ensino da Geografia Socioambiental nas diferentes etapas de formação de seus futuros educandos.

Este trabalho teve como proposta o estado da arte do consumo, e as possibilidades de utilização dessa metodologia em sala de aula, com enfoque na Educação Ambiental (EA).

O objetivo principal do estado da arte do consumo é o de desconstruir o ciclo de um alimento industrializado, desde sua origem até sua comercialização e consumo final. E, desta forma, apontar seus benefícios e malefícios para a saúde, questionando a frequência de uso desses alimentos no cotidiano das crianças e jovens. O produto escolhido para este trabalho foi a Gelatina industrializada, pesquisando o processo de extração, industrialização, comercialização, até chegar ao consumidor final. Essa proposta metodológica é uma alternativa de abordagem da EA e do consumo consciente em sala de aula.

A Educação Ambiental passou a ter uma abordagem na educação, com a obrigatoriedade de ser inserida no currículo das escolas no Brasil a partir de 1999, porém, devendo ser abordada de maneira transversal, sob um enfoque interdisciplinar. Segundo VESTENA (2011), no início da sua história, o homem tinha um respeito pela natureza pois ela era considerada mais poderosa do que o ser humano, o qual, nesse período, vivia de forma mais harmônica com a mesma, como que temendo-a. Com o passar dos tempos a humanidade começou a fixar seu habitat, urbanizando-se e passando a viver em sociedade, mudando também as relações com esse ambiente, de forma a intensificar a exploração de seus recursos. Consequentemente, as ciências foram evoluindo, possibilitando à humanidade compreender os fenômenos naturais, aumentando assim, sua dominação sobre essa natureza.

Essa crise ambiental desencadeou um problema não só nacional mas sim, internacional, vindo a causar impactos no meio ambiente e uma grande preocupação com as futuras gerações que sofrerão muito mais com as consequências deste impacto. Para a autora VESTENA (2011), essa crise é o marco inicial da implementação da EA nas escolas, transformando-se em uma forma de informar e denunciar os impactos ambientais acarretados pelo processo de industrialização.

Com a elaboração dos PCNs para o ensino fundamental a EA foi inserida como um tema transversal, convívio social, ética e meio ambiente sendo ofertada pelo MEC por cursos de Capacitação de multiplicadores. Em 27 de abril de 1999 foi promulgada a lei nº 9.795 que instituiu a política nacional de educação

ambiental incluindo a EA em todos os níveis e modalidades do ensino a fim de instigar o aluno a formar um pensamento crítico e reflexivo sobre a problemática ambiental.

No entanto, para a autora BRUGGER (2004), a EA vem sendo tratada na sociedade como um adestramento e não como uma consciência ecológica, ou seja, o discurso sempre acaba sendo o da classe dominante legitimando a perpetuação da mesma e o lucro, que é a base deste sistema. Ao invés do incentivo ao consumo consciente, o respeito pela natureza e pela sociedade, acaba se culpabilizando-a e impondo sobre a mesma, toda a responsabilidade da não poluição ao meio ambiente, com a obrigação de melhorá-lo continuamente.

A EA acaba por ser tratada pela política e pela economia, visando sempre manter o status-quo do sistema, fomentando seus lucros e o consumo, sem promover a verdadeira consciência ecológica. Essa racionalidade instrumentalizada acaba por beneficiar o sistema capitalista e não ao meio ambiente. Mesmo que o discurso pareça estar voltado para sustentabilidade e ao meio ambiente, na prática é possível observar que isso traz muitos benefícios financeiros às empresas que adotam essa prática sustentável.

Em suma, a chamada EA deve ser vista também como uma luta pela difusão de uma determinada concepção de mundo, e não somente como uma tentativa de conscientização ambiental. É também lamentavelmente possível que o adjetivo ambiental possa significar mais uma maneira de garantir mão de obra refinada para gerenciar de uma nova forma os mesmos “apocalipses ambientais” e as estruturas que os desencadearam. (BRUGGER, 2004, p. 108)

Assim, a sociedade acaba por ser adestrada por uma falsa sustentabilidade, consciência ecológica e preservação do meio ambiente, atendendo apenas, aos interesses da classe dominante seguida pelo constante avanço da crise ambiental.

BAUMAN (2007) refere-se ao sujeito cartesiano e a mercadoria cartesiana, isto é, um sujeito pensante que avalia sua compra, se apropria, usa seu produto e o descarta, favorecendo, continuamente, ao capital. A sociedade dos consumidores, primeiro, vira mercadoria e perde sua subjetividade, focando assim num sujeito apenas influenciado pela melhor propaganda.

Na sociedade de consumidores, ninguém pode se tornar sujeito sem primeiro virar mercadoria, e ninguém pode manter segura sua subjetividade sem reanimar, ressuscitar e recarregar de maneira perpétua as capacidades esperadas e exigidas de uma mercadoria vendável. (BAUMAN, 2007, p. 20.)

O autor BAUMAN (2007) relata que a vida fica reduzida ao consumo e a subjetividade acaba invadida pelo capitalismo, no qual o sujeito vira item de consumo e esse item ganha cada vez mais valor.

2. METODOLOGIA

Visando adentrar na Educação Ambiental no âmbito escolar, utilizou-se tais referenciais teóricos para embasar a pesquisa e contemplar a proposta de atividade da disciplina de Metodologia e Prática de Ensino em Geografia V: Educação Ambiental. O tema sugerido foi a Arte do Consumo e o Ciclo de um Alimento Industrializado, desmembrando as etapas de criação, produção, até a comercialização e consumo final do mesmo. Esse recurso didático é uma

proposta para o educador trabalhar a EA e o consumo consciente. O grupo escolheu a gelatina. Após a escolha do produto a atividade contemplou o seguinte roteiro:

Ciclo de vida do produto – rota de um resíduo

A) CARACTERIZAÇÃO (o que é, ingredientes, finalidades, público-alvo):

Os cuidados a serem tomados na compra de alimentos industrializados, origem da matéria-prima, o ciclo desde o início até o produto final e seu consumo.

B) MÍDIA

Cada pessoa apreende um conjunto de ideias a respeito do corpo, provenientes do convívio familiar, do convívio social mais amplo, da mídia. Reflexão quanto a mídia contribui para a inserção dos alimentos industrializados, como cativa as crianças e jovens para que o consumam.

C) CICLO DO PRODUTO (MATERIAL PRIMAS UTILIZADAS)

É importante discutir sobre as possibilidades de redução da produção de lixo, preferindo embalagens simples, reutilizáveis ou biodegradáveis. Incentivar a reutilização das embalagens. E se fazer a pergunta se esse alimento é necessário para a dieta do dia a dia.

D) MAPA - ATIVIDADES PRODUTIVAS (TRABALHO)

Articulação com o circuito regional/nacional ou internacional. Criar símbolos e convenções cartográficas, definindo escalas e formas de projeção, compreendendo a organização do território a partir de sua representação, para assim poder visualizar sua localização espacial local, regional e global.

E) ALTERNATIVAS

A vida na casa e na escola pode ser analisada como um sistema de trocas, discutindo formas de evitar o desperdício de energia e recursos, como por exemplo, através da reciclagem e reutilização ou, a substituição do alimento industrializado por um alimento feito em casa visando a saúde e a sustentabilidade.

F) ENCAMINHAMENTOS

A pesquisa sobre hábitos alimentares em outras culturas, próximas ou distantes, no tempo e no espaço; sobre os próprios hábitos alimentares e de pessoas de comunidades com diferentes idades, focando a Pluralidade cultural e a busca de alternativas mais saudáveis para serem utilizadas na vida dos estudantes.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O primeiro passo a ser delineado na pesquisa foi o embasamento em referencial teórico, logo em seguida foi feita a pesquisa do alimento e o seu ciclo desde a sua origem até sua comercialização. O produto escolhido foi a gelatina, realizando-se uma pesquisa, conforme exposto na metodologia: origem, matéria prima, composição nutricional, criador do produto, propagandas e localização da indústria e algumas alternativas para substituir o alimento industrializado.

Após concluída a pesquisa do produto, foi feita a mostra em sala de aula, utilizando-se slides com imagens, um vídeo de um comercial do produto, o slogan

utilizado e, para finalizar, apresentou-se uma alternativa de consumo consciente e saudável.

O grupo escolheu, como alternativa, a gelatina vegetal ágar-ágár, sem sabor e sem açúcar, apresentando dicas de receitas contendo adição de frutas, tornando-a mais nutritiva e benéfica para o organismo. Ainda foi citado, como exemplo de reutilização sustentável, uma opção de reciclagem para as caixas das gelatinas: serem transformadas para embalagens de presente e personalizadas.

4. CONCLUSÕES

É possível concluir que a gelatina industrializada é imensamente prejudicial à saúde das crianças. Assim, da mesma forma, que a proposta de trabalhar com Educação Ambiental na escola precisa realmente incentivar o consumo consciente e a preservação do meio ambiente, visando um maior equilíbrio e harmonia entre ser humano e natureza. Portanto, a proposta do recurso didático como o Estado da Arte do Consumo possa ser uma maneira de fazer com que os estudantes tenham a possibilidade e o direito de conhecer o que estão consumindo, capacitando-os a fazerem suas escolhas de forma mais consciente, evitando a tornarem-se consumidores alienados. Além do mais, que a EA nas escolas deva oportunizar aos estudantes a compreensão do seu papel como sujeitos ecológicos, contribuindo assim, com a perspectiva socioambiental.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Zygmunt. **O segredo mais bem guardado da sociedade de Consumidores.** In: Vida para o Consumo. Zahar: Rio de Janeiro, 2007.

BRUGGER, Paula. **Educação ou adestramento ambiental.** Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004.

CARVALHO, Izabel Cristina de Moura. Construindo novas paisagens de vida e de conhecimento. In: CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico. São Paulo: Cortez, 2004. (33-42)

SANTOS, Milton Santos. 1992: **A Redescoberta da Natureza.** In: Estudos Avançados 6(14), 1992.

VESTENA, Carla Luciane Blum. **A Emergência e os Fundamentos da Educação Ambiental.** In: VESTENA, Carla Luciane Blum. Piaget e a Questão Ambiental: sujeito epistêmico, diagnóstico e considerações educacionais. São Paulo: cultura acadêmica, 2011. (Cap. 2)